

Com o título «Reflexões sobre o diálogo» inseriu o n.º 1415 da Seara Nova um extenso artigo, nem sempre claro nos seus objectivos últimos, mas que se apresenta com a aparência de um balanço crítico sobre os números de O TEMPO E O MODO. Por menos lisonjeira que seja a crítica feita — ou por mais insidiosa — pensamos que todos os leitores têm o direito de nos julgar e que O TEMPO E O MODO não tem que discutir esses julgamentos. Falam por nós os números publicados — de que nos orgulhamos, apesar das deficiências que somos os primeiros a reconhecer.

Mas estas linhas não seriam necessárias se não se insinuasse também no referido artigo que O TEMPO E O MODO visou «uma revista portuguesa e progressista» para se concluir daí, à boca pequena, que atacou malévola e a Seara Nova. A acusação é insubsistente e ridícula, mas tem feito o seu caminho em certas tertúlias. Pois bem, é tempo de lhe opor um desmentido formal: O TEMPO E O MODO não atacou nem atacará a Seara Nova, revista por cujo passado tem o maior respeito e cujo presente aprecia, e com a qual, portanto, só poderá ter — e só terá — as mais fraternais relações.

O TEMPO E O MODO
N.º 7, Julho-Agosto de 1963

DESMENTIDO A UM DESMENTIDO

SOTTOMAYOR CARDIA

A respeito do meu artigo «Reflexões sobre o diálogo» inserto no n.º 1415, publicou o n.º 7 de *O tempo e o modo* uma nota em que, depois de classificar o artigo de «nem sempre claro nos seus objectivos últimos» e «insidioso», declara que «é tempo de opor um desmentido formal» à «acusação» — que, apesar de «insubsistente e ridícula», «tem feito caminho em certas tertúlias» — de ter *O tempo e o modo* visado «uma revista portuguesa e progressista para se concluir daí, à boca pequena, que atacou malévola e a Seara Nova».

Assim como *O tempo e o modo* se não considera obrigado a discutir os juízos formulados sobre o seu trabalho, igualmente não sinto necessidade de comentar a sua asserção sobre a clareza dos objectivos do artigo ou sobre o carácter insidioso. Mas o «desmentido» não pode deixar de merecer alguma atenção.

Tanto quanto se entende da sua confusa e hábil redacção, essa nota (1) desmente que *O tempo e o modo* tenha visado uma revista portuguesa progressista, (2) desmente que tenha visado a *Seara Nova*, (3) afirma que o alvo foi identificado «à boca pequena».

1. *O tempo e o modo* visou uma revista portuguesa progressista. Onde? No editorial «Um humanismo interventor», publicado no n.º 5, designadamente no parágrafo em que se define o primeiro dos três métodos de reacção ao «espartilhamento» (pág. 4).

É irrecusável que esse texto se refere:

a) a uma revista — a uma publicação («ai se escreve», «ai se anuncia») com a qual *O tempo e o modo* se compara («a todas estas opções possíveis entendemos [...] que o caminho que temos seguido é ainda possível e útil» [sic]);

b) a uma revista portuguesa: «os fenómenos que se observam naquilo a que se costuma dar o nome de sociedades fechadas carecem que sobre eles nos debruçemos», e esse debruço é o editorial mencionado;

c) a uma revista portuguesa progressista: no contexto da intervenção humanista na sociedade fechada, a interrogação sobre o método («que haveria então a fazer?») necessariamente se entende como opção dentro de um objectivo humanizador, progressista, libertador, desespartilhador.

Refere-se a uma revista portuguesa progressista, e visa-a nos termos que transcrevi no artigo; visa-a, é claro, de esquina, tanto quanto é possível a uma linguagem com a estrutura lógica e expressiva exibida em quase todo o texto.

Considero portanto provado que, como escrevi no artigo, «é iniludível tratar-se de referência a uma revista portuguesa e progressista». E fosse a *Seara Nova* ou outra, o procedimento seria sempre de moralidade singular e contraditório do programa dialogante proclamado.

2. Revistas portuguesas progressistas, revistas com as quais *O tempo e o modo* se possa comparar, publicam-se actualmente duas: *Vértice* e *Seara Nova*. Não pode estar em causa a primeira, porque o texto diz «ai se anuncia fulano de tal — médico em Tavira» e essa revista não anuncia profissões liberais. Por isso escrevi que quem quisesse decifrar a charada poderia descobrir o enigma por exclusão de partes.

3. Por demonstração, por via dedutiva, pode concluir-se que *O tempo e o modo* alvejou de esquina a *Seara Nova*. Mas a redacção de *O tempo e o modo* sabe perfeitamente que eu não precisaria de tal dedução para saber quem é o destinatário da ferroada. Sabe perfeitamente que até houve uma «tertúlia» que teve conhecimento prévio do caso, «tertúlia» onde apesar de tudo me parece um pouco excessivo dizer que a questão se passou «à boca pequena» e onde não fui o único a desaprovar vivamente a passagem em causa. Prefiro não ser obrigado a falar de essa reunião de «tertúlia». Só me interessa acentuar que, se é lamentável que se escrevam textos enigmáticos e se ataque deslealmente, é pior que se façam desmentidos falsos.

Claro que felicito *O tempo e o modo* por vir agora declarar que *Seara Nova* é uma «revista por cujo passado tem o maior respeito e cujo presente aprecia, e com a qual, portanto, só poderá ter — e só terá — as mais fraternais relações». Independentemente de ter ou não havido uma conversão no intervalo que medeia entre o n.º 5 e o n.º 7, a solene declaração de fraternidade perde contudo por aparecer condicionada por uma tão desvoluta falsidade.

Suponho que mentir é pecado. Mas enquanto há vida, há esperança. O que

ANTES de encerrarmos este dossier — que só reabriremos no caso de surgirem novos elementos de discussão —, consideramos imprescindível responder a uma possível interrogação dos leitores: por que motivo publicou «Seara Nova», no seu número 1415, o artigo intitulado «Reflexões sobre o diálogo», de Sottomayor Cardia?

A fim de prestarmos completos esclarecimentos sobre essa pergunta, recapitulamos os pontos fundamentais do escrito sobre o qual a questão recai. Que intentou realizar através dele o jovem estudante universitário que é seu autor? Se não erramos foram três os seus objectivos. A saber:

a) Revelar, mediante a análise do editorial publicado em «O Tempo e o Modo» n.º 5, sob o título de «Um humanismo interventor», que uma passagem desse texto disparava uma farpada dirigida a uma revista portuguesa de índole progressista, e mostrar que os ataques e processos dessa ordem não parecem próprios de uma publicação que se propõe contribuir para um diálogo aberto e franco entre cristãos e não-cristãos;

b) Criticar a orientação ideológica predominante na mesma revista e situá-la correctamente no contexto da cultura portuguesa actual, tentando dissipar um pouco a quase geral confusão ideológica por que todos nós vamos sendo responsáveis;

c) Dessolidarizar o seu nome de um empreendimento cultural a que estivera ligado, embora, conforme declarou, de modo secundário.

«Seara Nova» concordou inteiramente com os termos do artigo de Sottomayor Cardia e com o seu conteúdo. Considerou, além disso, de interesse geral — e portanto merecedor da atenção dos leitores — o problema subjacente aos factos que Sottomayor Cardia procurava estabelecer e que, segundo nos parece, estabeleceu de maneira convincente. Afigura-se-nos necessário, apesar de tudo, equacionar a questão com maior nitidez.

Admitindo que a revista «O Tempo e o Modo» possui um rumo claro, um pensamento coerente — ao menos nos seus contornos gerais —, vimos no remoque com que nosleccionávamos e nou-

António Sérgio escreveu a respeito de um padre jesuíta — repito-o agora a respeito de *O tempo e o modo*: espero que «se cristianize um tanto». E o que passou... passou; *O tempo e o modo* não terá certamente sido nem o inventor nem o coveiro da mentira. Dos arrependidos é o reino dos céus, mas pode ser que dos reincidentes também seja: o preceito evangélico que manda perdoar aos que erram por não saberem o que fazem — de boa vontade o posso tornar extenso aos que erram exactamente por saberem muito bem o que andam a fazer. Mas claro que ser perdoado é uma coisa e ser desresponsabilizado outra muito diferente.

SOTTOMAYOR CARDIA

tras afirmações feitas na mesma revista (referência, no número de apresentação, ao que se denominou «extremismo de Fidel Castro» e a crítica de Paul Ricoeur ao materialismo histórico) o sintoma de uma doença infantil. Ao iniciarem o «diálogo» sobre as questões culturais e sociais de importância vital para o mundo moderno, principiam muitas vezes os cristãos, sobretudo nas sociedades fechadas, por criticar pressurosamente as forças e ideologias não-conservadoras. Reconhecem a necessidade de que a sociedade actual se transforme num mundo novo e mais humano. Todavia, começam precisamente por atacar os não-cristãos que mais fundo se empenham na reestruturação dessa mesma sociedade. E por que assim procedem? No caso dos católicos julgamos a atitude decorrente do facto de perceberem, de modo mais ou menos claro, que essas mesmas forças e ideologias têm para com a Igreja católica uma posição crítica muito clara. Tentemos caracterizá-la nas suas linhas mais salientes:

Na doutrina evangélica têm sido frequentemente assinalados dois aspectos fundamentais: afirmação da necessidade de aperfeiçoamento interno do homem e da reestruturação das relações sociais de forma consentânea com a criação das condições necessárias a um procedimento fraterno e humano. Os cristãos que mais ardentemente sentiram essa mensagem refugiaram-se nas ordens monásticas onde encontraram concretizados os dois aspectos da doutrina cristã. A circunstância de tais homens abandonarem o «mundo» fez que a doutrina cristã perdesse a força social que poderia vir a adquirir. Este facto, e a circunstância de a Igreja católica ter amparado muito de poucas vezes a bandeira dos fracos e de se apoiar, muitas vezes, na bengala dos fortes, (em parte por motivos económicos), levou muitos homens, ao longo da História, reagindo contra o cristianismo dos «interioristas», a considerarem que a melhor forma de ser-se cristão é lutar no «mundo», entre os demais homens, precisamente pelo que de mais puro consideram existir na doutrina do Evangelho. Nessa luta, em que apareceram com visos de antireligiosos e anti-místicos por desejarem manter-se fiéis ao ensinamento do Cristo, não raro exprimiram o seu ressentimento contra a Igreja católica que viram situada nos arraiais adversos como uma organização entre outras organizações, uma força entre outras forças.

Estarão eles enganados? É um problema a debater. Neste mundo tão mudado a própria Igreja católica procura sintonizar com o novo ritmo dos tempos. É, pelo menos, o que se depreende das palavras pronunciadas por Paulo VI, quando reconheceu a necessidade de conciliar o duplo aspecto da mensagem evangélica, ao chamar a atenção para o que, no Cristianismo eterno, «se está movendo para uma expressão nova e superior que corresponde melhor ao seu fim, e que consiste em salvar o homem, regenerando-o interior e socialmente» (citado em «O Tempo e o Modo», n.º 7, pág. 43. Sublinhado nosso, S. N.). Como quer que seja o problema colocou-

-se no passado, se é que se não coloca ainda no presente, a muitos não-cristãos. Sobre este assunto, por exemplo, o diálogo entre cristãos e não-cristãos parecer-nos-ia fecundo. Apurar os momentos em que a Igreja católica, consorciando-se com os poderes do temporal, se alheou do seu próprio caminho e da sua razão de ser; discutir a medida em que a sua condição de instituição incarnada no tempo determinou esse alheamento; reflectir sobre os meios que à Igreja se oferecem para resolver as questões daí emergentes; indicar e debater as opções que o pensamento católico oferece ao homem contemporâneo — eis aí vários temas, entre tantos outros, que talvez fosse possível e que seria certamente frutuoso discutir. Discutir sem vesgos meneios de baixa política, sem estratégias de clã, sem habilidades oportunistas... Isto sim, em lugar de se perder tempo com afirmações pueris de primário sectarismo e, ao cabo, lamentavelmente curtas de vistas. Para com os católicos que desejarem discutir a sério essas questões, ou quaisquer outras de interesse humano, só poderemos ter a mais fraterna amizade.

Julgamos haver demarcado e desenvolvido o problema de fundo que Sottomayor Cardia trouxe à superfície nas duas primeiras partes do artigo «Reflexões sobre o diálogo». A afirmação infeliz que directamente lhe deu origem é, em si mesma, um pormenor do conjunto. Na medida em que possa conter uns vislumbres de crítica, queremos precisar, no entanto, que, não nos supondo intangíveis e reconhecendo a toda a gente o direito de nos criticar, não atribuímos a toda a gente a autoridade necessária para o fazer. Autoridade só a reconhecemos a quem pelo valor da obra realizada ou pelo bom senso de que dá provas mereça, efectivamente, o nosso respeito pelo seu sentido crítico.

Entramos, deste modo, no esclarecimento do último aspecto da questão. Sottomayor Cardia — cujo nome é omitido, não se sabe por que bulas, na nota publicada por «O Tempo e o Modo» — pretendeu esclarecer os leitores, através dessa revista, sobre os problemas que deram causa ao artigo por nós publicado. «O Tempo e o Modo» negou-lhe a oportunidade de o fazer. É certo que a revista não era legalmente obrigada a inserir quaisquer esclarecimentos de Sottomayor Cardia. Julgamos nós, porém, que um colaborador de uma revista tem sempre o direito de tornar pública a sua posição perante um órgão de cultura a que ligou o seu nome. Sendo assim, e porque o texto de «Reflexões sobre o diálogo» satisfazia os requisitos atrás mencionados, publicámos o artigo que o nosso colaborador nos apresentou.

Na atitude de Sottomayor Cardia não vimos, e continuamos a não ver, intenções insidiosas nem fins menos claros. Vemos, muito ao invés, um sentido profundo das suas responsabilidades de escritor, um reflexo vivo das suas qualidades de inteligência e de carácter. Só por cegueira moral ou por inconsciência se poderia ver na sua atitude o contrário.

LISBOA NO DIA DO ARMISTÍCIO

A grande notícia veio quebrar, súbitamente, a pacatez patriarcal da Lisboa, de há 45 anos, que ainda almoçava às sete horas da manhã, jantava por volta do meio-dia e ceava às oito da noite — assim, tal e qual — e só os boémios andavam de noite na rua. Assinara-se o armistício nessa manhã de 11 de Novembro, e soube-se do caso quando se punha a mesa para o jantar. É verdade que os jornais da véspera tinham dado os primeiros boatos: negociava-se o armistício numa floresta da frente francesa, os soldados aliados e alemães já confraternizavam nas primeiras linhas. As notícias vinham ainda pelo telégrafo, o meio de comunicação mais rápido nessa época de trens de praça a cinco escudos a corrida — porque durante a guerra os preços galgaram como as Valquírias. Mas esta lentidão não prejudicou a rapidez com que a notícia chegou a todas as casas, às oficinas, correu as ruas. E de súbito a multidão — a mesma multidão que, quatro anos antes, exactamente, enchera a Rua Victor Cordon e o Largo da Biblioteca para aclamar a pobre Sérvia, que tinha a sua legação num segundo andar dessa rua, e reclamar a entrada de Portugal na guerra, junto da sua secular aliada, para defesa da civilização — a multidão encheu todas as ruas centrais da capital, num alarido de entusiasmo pela paz que chegava finalmente com a esperança de que findassem todos os pesadelos. Cantava-se e dançava-se, abraçavam-se amigos e desconhecidos, falava-se pelos cotovelos, acenavam-se adeuses para as janelas apinhan-

(→ pág. 207)